

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

**Adriano Duarte Rodrigues¹,
Universidade Nova de Lisboa**

1. Introdução

Uma das características da nossa espécie é o facto de os seus comportamentos serem inseparáveis do seu envolvimento, directo ou indirecto, em interações verbais com os seus semelhantes. Se observarmos com atenção cada uma das actividades que realizamos ao longo do dia, mesmo aquelas a que nos dedicamos sozinhos silenciosamente, verificamos que todas elas visam, directa ou indirectamente, quer ao mesmo tempo, quer a montante e/ou a jusante, relações de interacção com os nossos semelhantes. É por isso impossível compreender os comportamentos humanos sem ter em conta as interações verbais que as acompanham e para que estão orientadas. Por seu lado, pelo facto de as interações verbais estarem situadas numa grande diversidade de domínios da experiência, é impossível conceber a existência de uma disciplina que tenha o exclusivo dos recursos científicos apropriados para o seu estudo. Deste modo, a investigação que pretenda abordar a actividade da interacção verbal é necessariamente interdisciplinar.

Este texto tem como objectivo partilhar algumas reflexões acerca de questões que cada vez mais me parecem importantes para os trabalhos e os estudos sobre interações verbais, em geral, e sobre conversações, em particular: qual a natureza e quais as perspectivas, os objectivos e as motivações destes estudos? As respostas a estas questões são evidentemente diversas, uma vez que dependem da diversidade dos pontos de vista susceptíveis de mobilizar estes trabalhos, mas aqui vou apenas apresentar as que, a meu ver, decorrem daquilo que designo por perspectiva naturalista. Começemos por definir o que entendo por perspectiva naturalista do estudo das interações verbais.

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais Humanas da Universidade Nova de Lisboa e coordenador do Grupo de Investigação sobre Interação Discursiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

2. Natureza da perspectiva naturalista

Os investigadores que adoptem a perspectiva naturalista nos seus estudos sobre interações verbais esforçam-se por manter em permanência uma atitude de ascese ou de **jejum fenomenológico** ou, se preferirmos, por eliminar toda a espécie de juízos de valor, tanto ontológicos como éticos e estéticos, acerca daquilo a que dou o nome de observáveis². Peço desculpa por começar por uma característica negativa, mas é talvez a maneira mais directa de preparar o terreno para a formulação das características positivas que procurarei formular a seguir. De acordo com esta característica, o investigador mantém uma vigilância constante para não se pronunciar sobre a verdade ou falsidade, a bondade ou maldade, a beleza ou fealdade dos dados empíricos que recolhe, transcreve e analisa. Daí que, deste ponto de vista, tanta atenção merecem da sua parte as expressões ou as narrativas de acontecimentos, de estados de espírito, de manifestações que são considerados habitualmente verosímeis, bons e belos como os que são consideradas inverosímeis, enganadores, maus e feios. Aquilo que se trata de recolher, transcrever e analisar é aquilo que os interactantes fazem e dizem e não aquilo que poderá ser considerado em função de juízos de veracidade, de bondade ou de beleza. O investigador que tem as interações verbais como objecto da sua investigação e que pretenda adoptar a perspectiva naturalista esforça-se por considerar os fenómenos observados à maneira do botânico que desenha e descreve o caule ou a corola de uma flor, do ornitólogo que grava o canto dos pássaros ou do zoólogo que descreve uma luta de cães, de leões ou de babuínos, isto é, procurando não deixar escapar nenhum dos elementos relevantes para a realização da acção em que os interactantes estão mútua e reciprocamente

² Esta característica decorre das opções metodológicas a que Max Weber dava o nome de “neutralidade axiológica”, *Wertfreiheit* (Weber 1959; 1965), que Edmund Husserl designava por *epoché* ou “redução fenomenológica” (Husserl 1989, 153-156, 168-169) e a que Alfred Schutz viria a dar o nome de “ponto de vista natural” (Schutz 1967, 44).

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

envolvidos, sem se deixar contaminar por considerações ou por qualquer espécie de juízo pessoal acerca dessa acção ou desses elementos.

Em consequência desta atitude, o investigador é também levado a abster-se de formular conselhos a seguir por parte dos interactantes; esforça-se antes por cultivar em permanência uma atenção desperta e uma disponibilidade constante para observar as regularidades que os comportamentos observados manifestam³.

A segunda característica da perspectiva naturalista tem a ver com o facto de se partir da hipótese de que os seres humanos, além de serem dotados de dispositivos naturais, elaboram **dispositivos**⁴ que os habilitam, não só a provocar determinados estímulos e a reagir aos que recebem, mas também a constituírem o mundo comum no seio do qual aquilo que dizem e fazem tem sentido⁵. Deste modo, o investigador procura averiguar de que maneira estes dispositivos atualizam, prolongam e compensam as limitações e as eventuais deficiências dos seus dispositivos naturais, nas diferentes circunstâncias concretas de cada uma das interações em que se envolvem.

³ É por isso importante esclarecer que o estudo das interações verbais não se destina a fornecer materiais para a publicação de guias de ajuda ou de boas práticas conversacionais. A utilidade prática destes estudos afere-se pelo avanço nos conhecimentos acerca da natureza dos seres humanos.

⁴ Esta característica está fundamentada antropológicamente no facto de as diferenças dos seres humanos em relação às outras espécies, em particular antropóides, decorrerem de um processo involutivo que os tornou inviáveis como espécie, quer individual quer colectivamente. Este foi o preço biológico a pagar pela nossa espécie para a aquisição da postura vertical e a consequente aquisição da linguagem. Neste sentido, podemos dizer que a linguagem é o dispositivo que, no ser humano, compensa a atrofia dos seus dispositivos naturais, tanto orgânicos como funcionais. Para uma abordagem mais detalhada deste processo serão particularmente úteis os trabalhos de André Leroi Gourhan (1943; 1945; 1964; 1965; 1983), assim como, do ponto de vista, da etologia, a obra de Marc D. Hauser (1997).

⁵ Entendo que um comportamento tem sentido se, por um lado, for dotado de racionalidade e um comportamento é dotado de racionalidade, na medida em que o seu agente pode explicitar verbalmente a razão pela qual o adoptou, sempre que seja convidado a fazê-lo e se, por outro lado, esse comportamento puder ser encadeado com outros comportamentos, quer por parte do seu agente, quer por parte daquele ou daqueles sobre que incide o efeito desse comportamento.

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

Podemos comparar os dispositivos que os seres humanos elaboram e mobilizam, quando se envolvem em comportamentos interaccionais, às teias que as aranhas constroem para enlearem as suas presas ou às armadilhas que os predadores lançam para armadilharem as suas presas. É neste sentido que podemos entender o prefixo dis- que encontramos curiosamente também em dis-curso. Etimologicamente, um discurso é uma corrida em todas as direcções, como a que a aranha faz para precisamente dispor a sua teia, de modo a envolver completamente a sua presa. Podemos, assim, dizer que, tal como a aranha age, cumprindo o programa dos seus dispositivos naturais, enleando ou envolvendo nela as suas presas, assim também os seres humanos mobilizam dispositivos verbais com que enleiam ou envolvem os seus interlocutores e se envolvem ou enleiam a si próprios.

A terceira característica tem a ver com o facto de se partir da hipótese de que as competências que as pessoas possuem e os dispositivos que mobilizam para reagir aos estímulos que recebem, para provocarem estímulos nos seus interlocutores e para constituírem o seu mundo comum estão de tal modo interiorizados, incorporados ou naturalizados que não se dão conta ou não têm consciência de que os possuem. É aquilo que designo por hipótese da **naturalização**⁶.

Esta característica tem consequências metodológicas muito importantes que abordarei mais adiante quando procurar dar conta dos objectivos do estudo das interações verbais. É que, dado que os comportamentos conversacionais decorrem da mobilização de dispositivos naturalizados, não é fácil identificá-los. A melhor maneira de nos darmos conta deles é por isso, a verificação daquilo que se passa quando as expectativas por eles criadas não são satisfeitas, do que se passa quando falham, quando são goradas as expectativas interiorizadas pelos interactantes a respeito do seu funcionamento⁷.

⁶ A noção de envolvimento que, na sequência da proposta de Erving Goffman, passou a ser muito utilizada para definir o valor relativo de ajustamento dos processos de intersincronização interaccional é, deste ponto de vista, particularmente sugestiva (Goffman 1991, 126, 202-209, 343-352; Tannen 2007, 25-47). O leitor poderá aprofundar a reflexão sobre a noção de dispositivo, lendo Foucault 1987 e Deleuze 1996.

⁷ É por isso que prefiro utilizar o termo dispositivo, em inglês *device*, em vez de mecanismo. Por dispositivo entendo um conjunto de elementos organizados que estão à disposição de um ser vivo para

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

A quarta característica tem a ver com a exigência de recuperar constantemente um olhar semelhante ao da criança que descobre pela primeira vez o mundo que a rodeia, o olhar de quem retorna ao momento originário do mundo, ao momento em que aquilo que observa terá ocorrido pela primeira vez. As coisas que, para um adulto, podem ser consideradas triviais, evidentes, banais surgem de repente como objecto de espanto e de interrogação: como é possível a ocorrência de um determinado dispositivo linguístico ou de um determinado comportamento naquela circunstância particular em que ocorre? O que levou à sua mobilização por parte de um determinado ser humano? Assim, por exemplo, quando observamos alguém dizer para outra pessoa: «não se importa de me dizer as horas?», o investigador que esteja animado pela perspectiva naturalista não pode deixar de se perguntar: como é possível que a alguém que diz “não se importa de me dizer as horas?” não se responda habitualmente “não me importo”, mas se responda, por exemplo, “são 10 horas”? Porque é que se diz aquilo que se diz e se espera que se diga, e não aquilo que responderia directamente à questão colocada? Deste ponto de vista, «não se importa de x», tal como *uhm*, *uhm*, *o.k.*, *ãh?*, *tá*, *não me diga(s)*, *com que então*, *se fosse a ti...*, *quem me dera* são dispositivos verbais que realizam determinados efeitos em determinados quadros de interacção verbal⁸. Além dos dispositivos verbais, os interactantes utilizam igualmente

que possa interagir adequadamente com os estímulos que recebe. Os seres vivos possuem dispositivos naturais, mas podem também inventar ou fabricar dispositivos artificiais. Nos seres humanos, a fronteira entre os dispositivos naturais e os artificiais parece muito difícil de delimitar. Se estivéssemos diante de mecanismos, as pessoas utilizá-los-iam mecanicamente, ao passo que na maioria dos casos as pessoas não os aplicam mecanicamente, mas jogam com eles, exploram-nos, inclusivamente violando-os. Os dispositivos conversacionais, que aparecem nas mais variadas interações discursivas, podem ser verbais (*é, não é?, quem diria, Com que então, se calhar, não se importa de X?, se fosse a ti...*), para-verbais (subidas e descidas de tom, aceleração ou retardamento do débito...) e extra-verbais (coçar a cabeça, apurar a garganta, olhar de lado, franzir o sobrolho, acenar com a mão...)

⁸ Não deixa de ser sintomático verificar que as análises de conteúdo e de discurso descurem estas expressões e não possuem instrumentos adequados para a descoberta do seu sentido. Estas expressões, apesar de literalmente insignificantes, assumem uma relevância notável, quando observadas do ponto de vista interacional, isto é, quando encaradas como dispositivos verbais que os seres humanos

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

dispositivos para-verbais, tais como as entoações que marcam aquilo que dizem e dispositivos extra-verbais que acompanham as suas intervenções, por assim dizer, componentes da maquinaria interaccional que compete à abordagem naturalista identificar, classificar e compreender.

Dou o nome de hipótese da **constituição** à quinta característica. Trata-se da hipótese de que os dispositivos mobilizados pelos interactantes servem para a constituição daquilo a que Husserl (1989, 120-123, 396, 196-198, 508-512) dava o nome de mundo da vida (*Lebenswelt*), o conjunto de crenças, opiniões e de visões do mundo que formam o quadro, a fronteira ou o horizonte que delimita os modos de dizer e de agir razoáveis e os distingue dos que não são razoáveis e, por isso, inaceitáveis. Podemos identificar esta componente com o senso comum, formado pelo conjunto de pressupostos inquestionáveis e mutuamente partilhado pelos interactantes e que conferem sentido aos seus comportamentos verbais.

Para a perspectiva naturalista, é este conjunto de crenças inquestionáveis que define aquilo de que os interactantes podem falar, independentemente de concordarem, discordarem ou duvidarem acerca daquilo que digam a seu respeito. Dito de outro modo, a mobilização dos dispositivos conversacionais é, de acordo com esta hipótese, constitutiva do senso comum mutuamente partilhado que serve de pano de fundo que dá sentido àquilo que se diz, formando assim a fronteira do mundo no seio do qual são definidos ou identificados os objectos acerca dos quais é possível falar e fora dos quais, aquilo que se diz não teria sentido ou seria absurdo.

Deste ponto de vista, o estudioso das interações discursivas que adopte a perspectiva naturalista não está propriamente preocupado em dar conta daquilo que os interactantes dizem; o que o move é o objectivo de desvendar aquilo que torna plausível e até necessário os interactantes dizerem aquilo que dizem uns aos outros. Já estamos a ver porque é que esta abordagem é tão diferente das análises de conteúdo ou das análises do discurso, mais preocupadas em dar conta daquilo que os falantes dizem do que propriamente com a

mobilizam para realizarem determinados efeitos sobre os outros e sobre si próprios. O leitor que não estiver convencido da importância crucial destas expressões “insignificantes” poderá proceder ao seguinte exercício: quando estiver a falar com outras pessoas elimine-as e verifique o resultado do seu exercício.

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

averiguação dos pressupostos que dão sentido àquilo que dizem. Procurar identificar este pano de fundo, constituído pelos pressupostos que dão sentido ao que os interactantes dizem e fazem equivale a dar conta do quadro, da fronteira ou do horizonte⁹ que delimita o mundo comum, à maneira do etólogo que procura identificar as componentes do meio ambiente a que os dispositivos dos seres vivos estão adaptados e com as quais interagem.¹⁰

São, por conseguinte, duas as questões a que procura responder o estudioso das interações discursivas que adopte a perspectiva naturalista: 1) quais são as componentes do mundo comum que levam os interactantes a adoptar os dispositivos da linguagem que utilizam e não outros? 2) como é que os interactantes, ao utilizarem os dispositivos da linguagem que utilizam, constituem o mundo comum no seio do qual tem sentido a troca verbal em que estão envolvidos?¹¹

Mas há ainda uma sexta característica que decorre das anteriores: o facto de não ser o investigador, mas os interactantes que dão sentido aos dados observáveis, de ser o sentido que os próprios interactantes dão aos seus comportamentos que se trata de descobrir, registar, classificar e compreender. É claro que o investigador pode também identificar sentidos ao comportamento do interactantes de que eles próprios não se dão conta, mas é

⁹ Retomo esta noção de horizonte de Hans-Georg Gadamer (1988: 309ss., 372ss., 447, 452ss, 474).

¹⁰ O leitor poderá aperceber-se facilmente desta característica procurando responder à seguinte questão: o que faz com que seja provável e perfeitamente normal ver um homem vestido com um calção de banho e em tronco nu, estendido na areia de uma praia, numa tarde de verão, e seja muito improvável e, no caso, de ocorrer, censurável que o mesmo homem esteja vestido com o mesmo calção de banho, por exemplo, na sala de aula de uma escola ou a fazer compras num supermercado? Como podemos ver não é a identificação das componentes materiais do calção de banho que nos explicam a razoabilidade do seu uso num caso e a estranheza do seu uso no outro caso. As análises de conteúdo e muitas versões da análise do discurso parecem confundir estes dois aspectos e não ter respostas apropriadas para questões tão simples como esta, uma vez que pensam poder dar conta do sentido de um comportamento verbal sem o situar em relação ao horizonte que delimita o mundo dentro do qual esse comportamento está situado e do qual recebe sentido, razoabilidade ou, pelo menos, plausibilidade.

¹¹ É este o sentido que dou à distinção feita por Heidegger e retomada por Giorgio Agamben entre o animal, ser aturdido no meio ambiente, e o ser humano, “formador de mundo” (Agamben, 2002).

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

sempre a partir do sentido que eles atribuem aos seus comportamentos que o investigador parte e a que retorna sempre no fim do seu esforço de desvendamento, procurando inclusivamente averiguar as razões que levam os interactantes a não se darem conta dos sentidos que os seus comportamentos evidenciam e que o seu trabalho revela. Esta característica tem a ver com o facto de a abordagem naturalista ser indissociável da hipótese etnometodológica, tal como a formulam os investigadores que seguem as propostas formuladas nomeadamente por Harold Garfinkel (1967).¹²

3. Objectivos da investigação naturalista das interações verbais

Tendo em conta as características que acabei de formular, podemos agora explicitar os objectivos da investigação sobre interações verbais que adopte a perspectiva naturalista:

O primeiro objectivo consiste em averiguar quais os dispositivos verbais e comportamentais que os interactantes utilizam, tendo em vista, por um lado, responder a cada um dos estímulos que exercem uns sobre os outros e, por outro lado, constituírem o mundo comum no seio do qual esses estímulos são possíveis. Assim, por exemplo¹³: quando alguém pisa o pé de outra pessoa, quais são os dispositivos verbais (*Desculpe, Peço desculpa. Perdão, etc.*) e comportamentais (*/baixar os olhos/, /olhar para o lado/ etc.*) que aquele que pisa o pé de outra pessoa utiliza e quais são os dispositivos verbais (*Não faz mal, Não tem de quê, Veja lá*

¹² O leitor poderá ainda encontrar boas apresentações das propostas da etnometodologia numa já extensa bibliografia, de que me permito destacar Coulon 1987; Coulter 1990; Heritage 1987 e 2001.

¹³ É claro que escolhi propositadamente um exemplo de aparência trivial. Fazer o mesmo exercício para as seguintes ocorrências: um encontro numa rua sem muito movimento e de um encontro no metro em hora de ponta, uma saudação e a resposta a uma saudação, apresentação de alguém a um amigo ou a um grupo de pessoas, pedir uma bica ao balcão ou à mesa de um café, formulações de pedido de indicação do caminho para se chegar a determinado um endereço. É evidente que esta lista é meramente indicativa. Podemos prosseguir procurando identificar quais os dispositivos verbais e comportamentais utilizados por homens e mulheres, por jovens, adultos e pessoas idosas, quando estão envolvidas pessoas do mesmo género ou de géneros diferentes, da mesma faixa etária ou de faixas etárias diferentes, pertencentes a uma mesma cultura ou a culturas diferentes, e assim por diante.

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

onde põe os pés, etc.) e comportamentais (/silenciamento/, /aceno/, etc.) que a pessoa a quem alguém pisou o pé utiliza? Averiguar as escolhas que um homem, quando encontra uma senhora, é levado a fazer para saber que comportamento adoptar para a saudar. No caso de optar por beijá-la, como sabe que a deve beijar com um, dois ou, como no caso dos belgas, três beijos e qual a face que deve beijar em primeiro lugar. O que se passa nos casos em que as suas escolhas não se adaptam às que a senhora faz?

O segundo objectivo consiste em dar conta das diferentes maneiras de as pessoas mobilizarem um determinado dispositivo verbal e/ou comportamental, assim como dar conta dos estímulos que levam os interactantes a adoptarem as diferentes maneiras de lhes responder ou reagir. Para continuarmos com o exemplo já referido, ver quais as diferentes modalidades de aplicação dos dispositivos verbais e comportamentais utilizados por alguém que pisa o pé de outra pessoa e quais as diferentes modalidades de aplicação dos dispositivos verbais e comportamentais utilizados por alguém a quem pisaram o pé, anotando as variações do estímulo que levaram a essas modalizações.

O facto de os seres humanos mobilizarem dispositivos para as suas interacções verbais que estão incorporados na sua própria experiência do mundo e que, deste modo, lhes parecem naturais tem consequências importantes para a definição dos objectivos do seu estudo, uma vez que leva a que esses dispositivos tendam a parecer triviais e sem interesse. É por isso que só nos damos conta da sua existência nos casos em que não funcionem ou falhem. Para darmos um exemplo simples, é só quando a um *bom dia* alguém responde, por exemplo, *muito obrigado* que podemos observar que estamos na ocorrência de dois dispositivos, o da saudação e o do agradecimento incompatíveis entre si. Um dos objectivos mais importantes do estudo naturalista das interacções verbais é a inventariação, a explicação das modalidades de gestão e eventualmente do sancionamento das violações ou das falhas que ocorrem na utilização dos dispositivos verbais e comportamentais a que as pessoas recorrem.

O terceiro objectivo consiste em verificar se há dispositivos universais ou se, pelo contrário, variam de cultura para cultura. O que se passa quando estamos perante interacções entre interactantes de diferentes culturas e que recorrem, por isso, a dispositivos específicos diferentes? Assim, por exemplo, tendo em conta que os franceses saúdam as senhoras com dois beijos e os belgas com três beijos, o que se passa quando um francês cumprimenta uma senhora belga? Sabendo que em algumas culturas orientais perguntar se alguém está satisfeito

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

é um dispositivo mobilizado para saudar um conhecido, o que acontece quando um ocidental, em vez de retribuir a saudação, responde que ainda não almoçou?

O quarto objectivo consiste na tentativa de compreender as actividades em que os seres humanos se envolvem quando se encontram. Daí a natureza eminentemente hermenêutica do seu estudo. O que está por isso em jogo é a averiguação 1) do que confere sentido àquilo que os interactantes fazem e 2) do uso que fazem do sentido que atribuem àquilo que fazem.

4. Conclusão

Gostaria de terminar sublinhando, antes de mais, a importância da perspectiva naturalista do estudo das interações verbais, no momento em que as ciências humanas parece terem atingido um nível de maturidade suficiente para ultrapassarem as suspeitas de conivência com as mais diversas modalidades de condicionamento e mesmo de coacção de que foram alvo ao longo dos últimos cento e cinquenta anos. Apesar de assistirmos hoje a uma espécie de esquecimento destas suspeitas, em virtude da sua instrumentalização, tanto por parte do mundo dos negócios, como por parte das instituições, em nome de supostos valores de eficácia e de utilidade, as ciências humanas e as ciências sociais só conseguirão defender o seu projecto científico se não estiverem subordinadas aos interesses que se escondem por detrás destes supostos valores. A perspectiva naturalista que procurei apresentar não pretende influenciar, nem muito menos condicionar, não pretende fornecer receitas ou conselhos para a elaboração de campanhas de *marketing*, não pretende propor procedimentos de normalização e de catalogação dos comportamentos, não põe à disposição das máquinas de propaganda, quaisquer que elas sejam, estratégias de doutrinação e de lavagem de cérebros. A perspectiva naturalista limita-se a observar, a registar, a procurar entender aquilo que os seres humanos fazem nas diferentes situações em que se encontram. Os investigadores que a adoptam são sobretudo movidos por uma vontade ilimitada de aprender e não de ensinar.

Como entender aquilo que os seres humanos fazem nas diferentes circunstâncias equivale a descobrir os princípios que regulam esses comportamentos uma palavra acerca dos diferentes sentidos que a expressão princípio de regulação de comportamentos pode ter.

John Rawls formulou em 1955 uma distinção que se tornou clássica, sobretudo depois de a ter retomada, em 1971, entre regras constitutivas e regras normativas (Rawls 1993, 64-65; 269),

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

distinção que John Searle (1981, 47 e ss.) haveria de aplicar à explicação dos princípios que regulam os actos de linguagem. Por regras constitutivas entendem os autores os princípios de que depende a própria realização do acto pretendido, como no caso da regra de uma grande penalidade no futebol europeu: a sua formulação consiste em dizer o que é ou em definir a grande penalidade em futebol europeu. Por outras palavras, cumprir a regra da grande penalidade é realizar uma grande penalidade. As regras normativas, por seu lado, em vez de dizerem o que é o acto que regulam, formulam a maneira adequada ou estratégica de a realizar. Assim, por exemplo, a regra de, à mesa, as pessoas se servirem do garfo com a mão esquerda e com a faca com a mão direita é claramente uma regra normativa e não constitutiva, isto é, não define o que é o acto de comer um prato de carne.

Partindo desta distinção, a questão que gostaria agora de abordar é a de saber qual a natureza dos princípios que regulam os comportamentos dos seres humanos quando se envolvem em actividades de interacção verbal. À luz daquilo que a perspectiva naturalista que procurei defender, a minha resposta é a de que é necessário acrescentar, às duas modalidades de princípios reguladores definidas por Rawls e Searle, uma terceira modalidade a que dou o nome de constrangimento, na sequência da proposta de Jacques Moeschler, (1985, 11-19). Deste ponto de vista, os estudos naturalista das interações verbais não procuram tanto dar conta das regras constitutivas nem das regras normativas que regulam a prática discursiva, mas dos constrangimentos que o quadro interaccional exerce sobre o desencadeamento dos dispositivos, tanto verbais, como para verbais e gestuais, que eles mobilizam ao longo da actividade interaccional em que estão envolvidos.

Para aprofundamento desta noção de constrangimento e das suas diferentes modalidades, é imprescindível começar por reler alguns textos fundamentais dos autores da Escola de Palo Alto, em particular os que se debruçam sobre o célebre conceito de duplo constrangimento, a que deram o nome de *double bind* (Watzlawick & alii 1993, 168 e ss.). Em todo o caso, tudo parece sugerir que os princípios reguladores do desencadeamento dos dispositivos interacionais são prévios à distinção e constitutivos da distinção da regra e da norma, entendidas como modalidades distintas de fixação contratual da sociabilidade que os constrangimentos que regulam as interações verbais fundam e constituem.

Não tenho espaço suficiente neste texto para desenvolver esta questão. Deixo-a por isso para uma próxima ocasião. Num outro texto tentarei mostrar 1) que são os constrangimentos

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

inerentes ao quadro interaccional que explicam a razão que leva os interactantes a mobilizar os dispositivos que utilizam; 2) que estes constrangimentos fazem com que o funcionamento dos dispositivos de cada um dos interactantes seja mais ou menos sincronizado com o funcionamento dos dispositivos dos outros interactantes; 3) que os interactantes jogam com as deficiências de sincronização no funcionamento dos dispositivos de interacção de modo a constituírem ocorrências marcadas de produção de novas formas de sociabilidade.

Referências bibliográficas:

Agamben, G. 2002. *L'Aperto. L'Uomo e l'Animale*. Torino: Bollati Boringhieri, (trad. port.: Lisboa: Ed. 70, 2011).

Foucault, M. 1987. *Surveiller et Punir*. Paris: Gallimard.

Deleuze, G. 1996. *O Mistério de Ariana*. Lisboa: Veja.

Gadamer, H.-G. ³1988. *Verdad y Método*. Salamanca: Ed. Sígueme, (original alemão: *Wahrheit und Methode*, 1975).

Garfinkel, H. 1967. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall (reedição: Cambridge: Polity Press, 1984).

Goffman, E. 1991. *Les Cadres de l'Expérience*. Paris: Minuit (original: *Frame Analysis*, 1974).

Hauser, M. D. 1997. *The Evolution of Communication*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

Heritage, J. 1987. *Ethnomethodology*, A. Giddens & J. Turner, *Social Theory*. Cambridge: Polity Press.

2001. *Ethnoscience and their significance for conversation analysis*. K. Brinker et al, *Text und Gesprächslinguistik. Ein Internationales Handbuch Zeitgenössischer Forschung*, Berlin – New York: Walter & Gryter.

HUSSERL, E. 1989. *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale*, Paris: Tel, Gallimard [¹1954].

LEROI-GOURHAN, A. 1943. *L'Homme et la Matière*, Paris: Albin Michel.

1945. *Milieu et Techniques*, Paris: Albin Michel.

1964. *Le Geste et La Parole*, vol. 1. *Technique et Langage*, Paris: Albin Michel.

1965. *Le Geste et la Parole*. Vol. 2. *La Mémoire et les Rythmes*, Paris: Albin Michel.

1983. *Mécanique Vivante. Le Crâne des Vertébrés. Du Poisson à l'Homme*, Paris: Fayard.

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

MOESCHLER, J. 1985. *Argumentation et Conversation. Eléments pour une Analyse Pragmatique du Discours*, Paris: Hatier-Crédif.

Rawl, J. 1955. Two Concepts of Rules. *Philosophical Review*, 64, 3-32.

----- 1993. *Uma Teoria da Justiça*. Lisboa: Presença [¹1971].

Schutz, A. 1967. *The Phenomenology of the Social World*. Northwestern University Press.

Searle, J. 1981. *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina [¹1969].

Tannen, D. ²2007. *Talking Voices. Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

Watzlawck, P. et alii. 1993. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix [¹1967].

Weber, M. 1959. *Le Savant et le Politique*. Paris: Plon.

----- 1965. *Essais sur la Théorie de la Science*. Paris: Plon.

Resumo: Este texto pretende mostrar a importância dos estudos interdisciplinares das interações verbais e explicitar a natureza e os objectivos do ponto de vista naturalista desses estudos. Este ponto de vista inscreve-se na abordagem etnometodológica e, nesse sentido, demarca-se das habituais análises de conteúdo e do discurso. Em vez de considerar que o sentido decorre exclusivamente ou, pelo menos, de maneira predominante, da significação das formas verbais e da articulação dos actos de linguagem que elas realizam, a abordagem naturalista aqui proposta procura mostrar a relevância, não só das formas linguísticas, mas também para verbais e gestuais dos interactantes, assim como do quadro interaccional em que ocorrem, para a averiguação do sentido dos comportamentos verbais que trocam entre si.

Palavras-chave: análise do discurso, dispositivo, etnometodologia, interacção verbal, mundo comum, quadro interaccional, senso comum.

Résumé: Ce texte prétend souligner l'importance des études interdisciplinaires des interactions verbales et expliciter la nature et les objectifs du point de vue naturaliste de ces études. Ce point de vue suit l'approche ethnométhodologique et s'éloigne donc des analyses de contenu et du discours habituelles. Au lieu de considérer le sens comme le produit exclusif ou, tout au moins, dominant, de la signification des expressions verbales et de l'articulation des actes de langage qu'elles réalisent, l'approche naturaliste ici défendue prétend plutôt

Características e Objectivos do Ponto de Vista Naturalista do Estudo das Interações Verbais

montrer la pertinence non seulement des formes linguistiques, mais aussi des comportements para verbaux et gestuels des interactants ainsi que du cadre interactionnel pour la constitution du sens des comportements verbaux qu'ils échangent.

Mots-clés: analyse du discours, dispositif, ethnométhodologie, interaction verbale, monde commun, cadre interactionnel, sens commun.

